

Conversas Salubá: processos de cuidado em saúde mental nos espaços de terreiro

DEBORA ELIANNE RODRIGUES DE SOUZA*

EDVANIA TELES DE LIMA**

Resumo: Este artigo é um convite para pensarmos a práxis psicológica a partir do encontro entre atitude fenomenológica, psicologia e perspectivas decoloniais. Apresentamos aqui, 1) o Projeto Conversinhas Salubá, espaço encantado de acolhimento de crianças-erês, constituído no espaço geográfico de um terreiro de Umbanda cuja ação, fundamentou-se a partir do reconhecimento e contribuição dos valores civilizatórios afro-brasileiros e, 2) o Grupo Mulheres de Axé, uma roda de cuidados e afetos, realizada no terreiro de candomblé que, ao se mostrar suleada por uma escuta compreensiva e fundamentada em uma atitude de acolhimento de todas as vozes, oportunizou o aparecer de relatos carregados de sentir transbordantes, que evidenciaram as dores e alegrias de ser mulher, negra, periférica e candomblecista. Com esta experiência, compreendemos que o processo de cuidado das humanidades que Somos Nós, só se torna possível quando assumimos o compromisso ético, desNorteador e Orientado por atitudes e perspectivas compromissadas com a escuta e acolhimento da diversidade de vozes e saberes. Descolonizar para cuidar!

Palavras-chave: Práxis Psicológicas, fenomenologia, Cuidado, Saúde Mental, Terreiro, Descolonizar.

Salubá conversations: mental health care processes in terreiro spaces

Abstract: This article is an invitation to think about psychological praxis based on the encounter between phenomenological attitudes, psychology and decolonial perspectives. We present here 1) the "Conversinhas Salubá Project", an enchanted space for welcoming erês-children, set up in the geographical space of an Umbanda terreiro (meeting places), whose action was based on the recognition and contribution of Afro-Brazilian civilizational values. 2) The "Mulheres de Axé Group", a circle of care and affection, held in a candomblé terreiro which, by showing itself to be southern-guided by an understanding listening style and based on an attitude of welcoming all voices, made it possible for stories to emerge that were full of overflowing feelings, which highlighted the pains and joys of being a black woman candomblecist from the periphery. With this experience, we understand that the process of caring for the humanities that Are Us only becomes possible when we take on an ethical commitment that is not Northbound and Oriented by attitudes and perspectives that are committed to listening to and welcoming the diversity of voices and knowledge. Decolonize in order to care!

Key words: Psychological praxis, phenomenology, Care, Mental Health, Terreiro, Decolonize.



DEBORA ELIANNE RODRIGUES DE SOUZA é Psicóloga clínica e social, Mestra e Doutoranda no programa de Educação: Psicologia da Educação na PUC/SP. Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial pela Nucafe. Aprimoramento em Africanidades pela UF/ABC. Coordenadora Discente no curso de Especialização em Fenomenologia Decolonial e Clínica Ampliada da NUCAFE. Professora e Supervisora no Curso de Psicologia.

**** EDVANIA TELES DE LIMA** é Psicóloga clínica, Especialista em Psicopatologia em uma perspectiva Fenomenológica (Saúde mental, Álcool e outras Drogas) pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Integrante da equipe do curso de Especialização em Fenomenologia Decolonial e Clínica Ampliada da NUCAFE.

Salve a abertura dos trabalhos

Laroiê! Para início de tudo, saudamos Exu, como nos ensina a tradição de matriz Africana, e pedimos Agó e a benção aos nossos mais velhos e nossos ancestrais que abriram caminho até aqui, para que possamos refletir e sermos o agora. Ressaltando todo nosso respeito e cuidado ao conhecimento oral e ancestral produzido antes de nós.

(Antes de tudo saudar – Aprendizados advindos deste processo de travessia decolonial. Axé Iya Cristina de Osun).

O presente artigo, tem como objetivo apresentar práticas de cuidado e atenção em saúde mental, realizada em espaços de terreiros de Umbanda e Candomblé. Trata-se de um convite para pensarmos a práxis psicológica a partir do encontro entre atitude fenomenológica, psicologia e perspectivas decoloniais, em um movimento constante de abrir espaço para aparecer culturas e saberes que foram inviabilizados pelo processo de colonização, tendo como referência ações realizadas no Projeto Conversinhas Salubá, espaço encantado de acolhimento de crianças-erês, constituído no espaço geográfico de um terreiro de Umbanda e, o Grupo Mulheres de Axé, uma roda de cuidados e afetos, realizada no terreiro de candomblé.

Tal como apontado por Cavalcante (2022), a filosofia Ubuntu no pensamento africano, apresenta uma perspectiva de construção coletiva enquanto fonte de potência transformadora e estratégica de sobrevivência. Esta compreensão, justifica a importância das práticas profissionais aqui relatadas, terem sido pensadas, escritas e conduzidas por duas psicólogas, que a partir de um esforço ético e desNorteador, buscam a saída das perspectivas individualizantes que perpassam as práticas no campo da Psicologia, visando, a aproximação com premissas que se revelem pela preocupação com o outro, tendo como

referência movimentos de solidariedade, com-partilha e a vida em comunidade.

O “Projeto Conversas Salubá”, nasceu após solicitação dos responsáveis de alguns terreiros de Umbanda e Candomblé que demonstraram preocupação com o cuidado em saúde mental do seu grupo. O compromisso inicial do projeto foi oferecer um espaço de atenção, escuta e acolhimento, por intermédio da utilização de diferentes estratégias e linguagens, respeitando desde o princípio o lugar do sagrado presente nestas relações, tal como nos foi relatado desde os primeiros contatos.

O nome do projeto teve como referência a saudação destinada a Orixá Nanã Buruquê, “Saluba Nanã”. A escolha justificou-se pelo fato de termos aprendido com dirigentes dos terreiros, que além de Nanã Ser a Orixá mais velha de Umbanda, no campo dos mistérios, é representada pela qualidade da maturidade, sendo, portanto, responsável por atuar nos processos de travessias, sempre sob a égide das virtudes relacionadas a sabedoria, serenidade, equilíbrio e harmonia (SARACENI, 2005).

Considerando que movimentos de cuidado e atenção, se estabelecem por meio de travessias que precisam ser realizadas de forma sábia e serena, ter os fundamentos de Nanã em diálogo com os saberes especializados da Psicologia como horizonte nesta empreitada, pareceu-nos uma atitude

fenomenológica decolonial, ética e fundamental ao longo de todo o processo.

Ao reconhecer a legitimidade dos saberes ancestrais, originários e acadêmicos de forma igualitária, percebemos que o processo de cuidado e troca, se estabeleceu de forma mais justa, como preconiza os aportes éticos em psicologia e, também, como se irradia a energia de Xangô, cultuado como o Orixá da Justiça, tal como nos fora ensinado pelas mulheres frequentadoras dos terreiros.

Este posicionamento, solicitou dos envolvidos e, especialmente das psicólogas, uma postura de humildade e respeito perante aquilo que não sabíamos a priori e que diz respeito às dinâmicas e crenças presentes nos terreiros de Umbanda e Candomblé em sua diversidade, e o reconhecimento dos limites e contribuições daquilo que sabíamos a partir das lentes do olhar especializado na psicologia em seu pressuposto fenomenológico.

Esta atitude permitiu uma compreensão horizontalizada acerca da contribuição dos diferentes saberes envolvidos em um projeto de cuidado que ao respeitar a diversidade de vozes, valores, e crenças, buscou acolher de forma igualitária as vozes teóricas e metodológicas presentes tanto nos caminhos da tradição europeia, bem como às vozes advindas da tradição decolonial em suas matrizes afro-originárias-brasileiras.

Neste processo, buscando descolonizar ao longo do caminho, alguns pressupostos tão arraigados em compreensões ocidentais, nos permitimos ser guiadas pela atitude de serenidade tendo como referência a Orixá Nanã e, no horizonte da temporalidade, contamos com os sentidos atribuídos ao tempo de Oiá,

Orixá responsável por atuar na ordenação do caos que produz transformações ao seu tempo, ao seu modo.

O projeto inicial se desdobrou em dois e, neste sentido, além das Rodas de Conversas a qual denominamos ao longo do percurso de “Conversinhas Salubá”, espaço de acolhimento destinado às crianças-erês, também implantamos o Grupo Psicoterapêutico “Mulheres de Axé”.

Conversinhas Salubá e o processo de acolhimento psicoterapêutico de crianças-erês

O encantamento é uma das principais heranças dos povos negros e indígenas e, como uma boa herança, precisa de bons fundamentos para seu acontecimento. O encantamento, assim como nos ensina Oliveira (2003), é uma atitude frente à vida que nos permite olhar para o mundo a partir de outras perspectivas e prerrogativas. Ensina o filósofo que, como atitude, o encantamento está na ordem das escolhas e, sendo assim, cabe a compreensão de que toda escolha sempre se mostra possível ou não a partir de um escopo cultural.

Isso significa que, no caso do trabalho com infâncias, além do caminho do encantamento outros percursos também podem se fazer presentes, todavia, no caso da ação psicológica aqui apresentada, partimos do pressuposto de que qualquer trabalho com as infâncias, especialmente com as crianças-erês, exige uma boa pitada de encantamento para que seja possível o estabelecimento de uma relação de confiança capaz de proporcionar às crianças uma zona de conforto e segurança na dinâmica de acolhimento e continuidade de cuidado no processo de acompanhamento.

De acordo com Oliveira (2003):

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já dado. O Olhar encantado re-cria o mundo. É uma matriz de diversidade dos mundos. Ele não inventa uma ficção. Ele constrói mundos. É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá do nada. Dá-se no interior da forma cultural. (Oliveira, 2003, p. 5)

Ressalta o autor que, a existência também depende das condições (cultura) para que possa se expressar e, expressão é igual a existência. Assim, ensina o filósofo, só existe aquilo/quem se expressa, aquilo/quem é validado dentro do cenário cultural em que habita. Mas, o que será que acontece quando culturas são negadas, invisibilizadas e /ou excluídas?

A antropóloga, Marimba Ani (1994), afirma que a cultura é o nosso sistema imunológico, assim, podemos compreender que o processo de apagamento e/ou invalidações de manifestações culturais diversas que sustentam modos saudáveis de ser e estar no mundo, contribuem drasticamente para os processos de adoecimento e aniquilamento de existências.

Como nos ensina Silva (2021), é preciso alimentar a energia vital que nos sustenta, com culturas e encantos que nos representam, pois elas são “(...) a energia que nos move enquanto seres humanos e através desse princípio forjamos meios para nos mantermos resistentes e atuantes”.(Silva, 2021, p. 815).

Assim, do ponto de vista teórico-acadêmico, optamos por utilizar como metodologia, a proposta apresentada por Trindade (2005) para o campo da educação infantil e que, reorganizada para nossa proposta de escuta e acolhimento no campo da psicologia, se

sustenta como uma práxis antirracista, e que, portanto, rejeita a exclusividade da utilização de conteúdos, critérios e valores identificados unicamente com perspectivas eurocêtricas.

Assim, a metodologia proposta pela educadora e, aqui, já reconfigurada para o exercício da nossa prática psicológica, pode ser compreendida da seguinte forma:

1) Modos de Sentir (acolhimento e diálogo) – Diálogo como fundamento do acolhimento comprometido com a aceitação de corpos e culturas diversas;

2) Modos de InterAgir (prática-teoria-prática) – Oferta de acolhimento que abraça todas as vozes e práticas – primeiro o encontro, depois as teorias e novamente o encontro para reconstrução de sentidos;

3) Modos de Ver (pluralidades de epistemes) – Na Psicologia em geral, somos formados a partir de lentes eurocêtricas e norte americanas. Neste processo, utilizamos como fundamentos além da atitude fenomenológica que se compromete em ver o que aparece tal como aparece no seu diálogo com a cultura, também nos iluminamos pelo reconhecimento dos valores civilizatórios afro-brasileiros apresentados pela educadora Trindade (2005), sendo eles: Memória, Ancestralidade, Religiosidade, Oralidade, Musicalidade, Cooperação/Comunitarismo, Axé (energia vital), Corporeidade, Ludicidade e Circularidade.

De acordo com Trindade (2005), os valores civilizatórios tratam-se de “(...) valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração”. (Trindade, 2005, p.30).

Ter esses valores como fundamento do acolhimento de crianças de terreiros, foi fundamental para o processo que buscamos construir, isto é, um processo implicado em despertar lembranças e criar possibilidades de “re-contar e re-situar” histórias e estórias, de forma acolhedora, afetuosa e respeitosa.

Deste modo, uma das principais preocupações no acolhimento das infâncias de axé ou crianças-erês, foi o compromisso em ouvir com respeito e cuidado as vozes que ecoavam a partir do chão e do espaço do terreiro de Umbanda onde ocorriam os atendimentos, considerando toda magia e encanto que este espaço podia oferecer e, cuidando ao máximo para que posturas repressoras de expressões plurais não fizessem parte daquele contexto.

Percebemos que mesmo na presença do silêncio que muitas vezes habitou nossos encontros, as crianças tinham muitas coisas para nos contar, entretanto, era preciso estar sensível e atenta para possibilitar o aparecer das diferentes expressões e compreendê-las a partir da própria criança, mesmo se tais expressões, não fossem comuns a Nós adultos-especialistas.

Enquanto profissionais orientadas por premissas de caráter especializado, foi importante a insistência da construção do olhar e do viver encantado que foi ganhando contornos de cuidado a partir do encontro com as crianças e no diálogo com os valores civilizatórios afro-brasileiros.

Buscamos trabalhar com uma escuta que, diferente de unicamente teorizar para validar o que estava sendo expresso a partir de diferentes manifestações, se inclinou em abrir espaços e compreensões a partir das expressões das crianças mesmas. Expressões do tipo, “não estou entendendo o que você está querendo me dizer, me fale novamente”; “Eu não consigo ver o que você está vendo, me conta como é isso”; “De que forma você quer me contar o que está no seu coração?”; entre outras, foram frequentemente utilizadas durante nossas conversas. Muitas vezes acolhemos com abraços, doces e balas em respeito à ancestralidade criança-erê. Do ponto de vista metodológico, localizamos esta postura no horizonte – modos de sentir (acolhimento e diálogo).

Outra estratégia bastante utilizada durante os encontros com as crianças foi a realização de conversas que se estabeleciam, não em um espaço fechado, mas caminhando pelo espaço de terreiro, passando pelas imagens e todo arcabouço de materiais dispostos pelo espaço e que eram fundamentais para realização das gírias de atendimento espiritual.

Com o passar dos encontros, percebemos que essa caminhada, diante deste cenário tão específico, permitia às crianças abertura suficiente para perguntar, refletir, questionar e compartilhar experiências, a partir e com aqueles disparadores. Exemplo disso pode ser compreendido a partir de algumas vinhetas descritivas – Certa vez ao se aproximar da imagem de Iemanjá, uma criança perguntou se eu sabia quem era. Naquele momento fiquei pensativa, tentando encontrar a melhor resposta para explicar quem era Iemanjá, como não respondi imediatamente, antes que eu falasse alguma coisa, a criança me surpreendeu com sua resposta “tia, essa

mulher aqui é uma sereia que mora no mar, você não sabia disso não?”. Uma experiência parecida, aconteceu quando fui questionada por uma outra criança sobre as cores das velas e, mais uma vez cai na armadilha da vida adultocentrada e especializada da explicação desencantada e, novamente fui surpreendida pela rápida resposta simples e encantada da criança ao me dizer “tia, o vermelho é a cor do coração, o amarelo é a cor do sol, o azul é a cor do céu, o verde é a cor da floresta, mas as vezes pode ser do mar também, o laranja é a cor da laranja né.”. E foi assim que, vagarosamente fui aprendendo que acolher crianças, é estar disponível para sair do campo das explicações que reduzem/limitam o aparecer e as experiências e, se disponibilizar para adentrar no reino da magia e do encantamento de forma compromissada. Se abrir para os muitos modos de ver e compreender crianças e infâncias. Este movimento foi localizado no horizonte - modos de interAgir (prática-teoria-prática).

Em uma ocasião de primeiro encontro, ao se apresentar, uma criança disse a psicóloga, que já havia a conhecido na noite anterior. Questionada, contou que depois que a tia materna conversou com ele e disse que iriam conversar com a psicóloga no dia seguinte, antes de dormir viu a mão de Deus entrar pela janela do seu quarto e dentro da mão estava a psicóloga. Disse que Deus falou que ele poderia confiar pois aquela era a psicóloga que iria cuidar dele. Logo após a narrativa, pegou a psicóloga pelas mãos e pediu para ir conversar.

Algumas teorias da psicologia e do campo da psicopatologia, poderiam sinalizar e lançar explicações acerca deste fenômeno a partir de diferentes perspectivas, todavia, em respeito ao proposto como fundamento deste

projeto, optamos por ficar no primeiro momento, apenas com o significado atribuído pela criança e suspender as demais coisas que tentavam explicar do ponto de vista causal o acontecimento daquele momento. Este movimento foi localizado no horizonte - modos de ver (pluralidades de epistemes)

Ao longo dos encontros, a escolha se mostrou suficiente, uma vez que durante o acompanhamento, foi possível perceber o quanto a trajetória de vida daquela criança era marcada por processos de abandono contínuos e o quanto ela procurava pela companhia de alguém para brincar, contar histórias, enfim ser presença presente e cuidadosa. A criança buscava alguém para compartilhar o mundo de forma respeitosa e o espaço das conversas, do brincar, do caminhar, tornou-se este lugar possível, pois ali, através de diferentes ações, o mundo da imaginação e da fantasia tão importante para a infância, deixou de ser o único espaço de esperança e possibilidades de bem viver e, novos espaços de brincar começaram a se abrir.

Em outro processo de acolhimento, ao se apresentar para a psicóloga, uma criança expressou-se da seguinte forma: "eu sou o Fulano de Tal de Oxumarê". A acolhida respeitosa desta apresentação, possibilitou que alcançássemos a partir da criança mesma, a demanda de orgulho por poder mostrar-se como se sente e, ao mesmo tempo, nos possibilitou a partir do tempo da criança, acessar o sofrimento que a levou ao atendimento psicológico, uma vez que a fala sobre quem ela era, era exatamente a fala que trazia dor devido às chacotas e falas de preconceitos recorrentes no contexto escolar.

A ação ludoterapêutica, mediada pela leitura do livro *Menino Arco-íris* de Maurício Pestana (2007), foi fundamental para o estabelecimento do cuidado atencioso e comprometido com a validação desta existência que desde tenra idade já se percebia no mundo-com-o-contexto-religioso de forma orgulhosa e ao mesmo tempo excludente, não conseguindo entender o motivo de tanto preconceito, ora em detrimento da sua religião, ora em detrimento de sua identidade racial.

Muitas foram as situações vivenciadas junto às crianças no projeto conversinhas salubá, que revelou-se como um espaço potencial de cuidado e atenção psicológica de caráter encantado-clínico-educativo, na medida em que se apresentou como um lugar capaz de acolher as demandas de dor e, também tornou possível o aparecer, o acender das potências necessárias para retomada do caminho do bem viver. Um espaço encantado por muitas vozes visíveis e invisíveis, capaz de alimentar a energia vital que sustenta a existência das nossas muitas crianças-erês, em um lugar de potência e dignidade.

Quando a gira girou: grupo psicoterapêutico mulheres de axé

Nesta parte do artigo, apresentamos a experiência vivida no espaço de terreiro de Candomblé, onde aconteceu o grupo terapêutico Mulheres de Axé, uma roda de cuidados e afetos, que suleada por uma escuta psicológica fundamentada em uma atitude de abertura e respeito, oportunizou o aparecer e o compartilhar de saberes originários e ancestrais diversos. Nesta prática, partimos do pressuposto de que todo cuidado/saber importa porque nossas histórias são diversas.

Quanto aos processos de organização da atividade, no primeiro momento, na companhia da Iya responsável, as psicólogas visitaram alguns terreiros de candomblé para apresentação da proposta e efetivação do convite à participação. O formato e periodicidade, levou em consideração as possibilidades das mulheres interessadas e a dinâmica do espaço de terreiro que foi utilizado como sede de realização dos grupos, vale ressaltar que a metodologia apresentada era de uma escuta especializada e cuidadosa iluminada pela perspectiva fenomenológica na psicologia.

Neste sentido, as rodas aconteciam quinzenalmente aos domingos (dia disponível pelas mulheres), com duração de aproximadamente duas horas, saltava aos olhos a distância percorrida pelas mulheres, que chegavam de diferentes pontos da região periférica da zona leste da cidade de São Paulo. Ressaltamos aqui que o ponto de encontro já era no extremo leste.

Por isso, uma das afetuosas preocupações da dirigente do terreiro era recepcionar as mulheres com uma mesa farta, contendo café, chá, suco, bolos, canjica e outros alimentos, que, de acordo com a mesma, representam partilha e socialização para os povos tradicionais de matriz africana. Explicou-nos ainda que o ato de comer é uma linha direta de comunicação com o sagrado.

Como explica o filósofo Flor do Nascimento (2015), neste contexto:

Observamos, assim, a alimentação como um processo que, ao mesmo tempo, procura manter o caráter orgânico do corpo plenamente ativo e, também, movimentar e fortalecer os laços comunitários (...). Há, para estas sociedades tradicionais, uma total aversão à fome e à falta de alimentos, o que indicaria a

desordem das forças vitais do mundo (...) (Nascimento, 2015, p 64)

Por se tratarem de práticas psicológicas de caráter compreensivo, em muitos momentos, a roda terapêutica, foi permeada de relatos carregados de sentir transbordantes, fenômenos estes que emergiram do SER mulher negra, periféricas que falavam de filhos pretos encarcerados, do abandono do companheiro, das diversas relações permeada pelo fenômeno violência doméstica, os relacionamentos abusivos, as maternidades solo; vivências estas que transformaram e assolavam os modos de viver. Falas tomadas de dores do SER mulher negra numa sociedade onde a dor da mulher negra é invisibilizada, assim como apresentado por Gonzales (1984).

(...) é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos...”). (Gonzales, 1984, p. 231)

Exemplos desta reflexão podem ser observados a partir da descrição da seguinte cena: Mesmo sem ter recebido tal orientação, todas as mulheres chegavam para a roda terapêutica com as vestimentas e indumentárias específicas do culto de axé. Nos primeiros encontros, ainda em um processo de reflexões iniciais e solitárias, este movimento foi sendo compreendido pela psicóloga como algo do tipo “viemos ao encontro vestidas com nossas armaduras

de fé” ou “quero ver se você vai aguentar estar conosco do modo que queremos ser”, ou “aqui é o nosso lugar, seja bem vinda”, Conforme as rodas aconteciam, tal observação foi se abrindo a partir de outros lugares e sentidos.

Em um dos encontros, onde o grupo de mulheres parecia estar mais afinado com a psicóloga e com a proposta de intervenção, foi proposto uma atividade de reflexão onde foi possível a uma das participantes, compartilhar a situação pessoal que estava vivendo naquele momento e que se referia a um processo de tratamento do câncer e a rotina de cuidados com familiares adoecidos. Um fato interessante é que enquanto falava, vagorosamente retirava o turbante e algumas de suas indumentárias, ao passo que era acolhida pelas mulheres do grupo, uma lhe trazia um copo de água, outra um lenço para que enxugasse as lágrimas, assim seguia o relato permeado de diversas atitudes e ações de acolhimento e cuidado entre elas.

Nas rodas seguintes, este mesmo gesto foi sendo observado por parte de outras mulheres que também eram amparadas pelo grupo, o que nos fez compreender a importância do tempo para a construção de um caminho de confiança e afetos, para que no espaço do coletivo, as armaduras de fé pudessem ser retiradas em um movimento de despir-se sem deixar de ser a fortaleza que sempre precisaram ser, para não morrerem nas mãos deste mundo de ódio e preconceito, estas mulheres pudessem se permitir a vivência da fragilidade e o aceite do acolhimento.

Assim, ter a roda como um espaço de fala, escuta e acolhimento afetivo, oportunizou o tecer de uma rede desatadora de nós. Essa construção dava forma a um coletivo tomado de dororidade, isto é, a dor que se transforma em potência, “a dor e nem

sempre delícia de se saber quem é” (Piedade, 2013, p.18). Também é da autora a reflexão que diz que dororidade, trata-se de um conceito que ao situar e reconhecer experiências vivenciadas por mulheres negras, se compromete com a transformação e o avanço para lugares de dignidade.

Esse sentir compartilhado percorria um caminho de compreensão na ancestralidade e historicidade dos Orixás entre as integrantes, que se iluminou como um pertencer repleto por uma potente representação do si mesma em uma travessia resiliente e unânime, ressaltada pela dirigente do terreiro com a palavra Axé de matriz africana que significa força vital.

Fundamentadas em uma atitude fenomenológica, isto é, uma atitude alicerçada no processo de reaprendizagem do ato de ver as coisas tal como se apresentam na sua dinâmica relacional, afetiva e significativa no mundo e, compromissadas com a realização de um diálogo pluriépistêmico, buscamos, enquanto profissionais do campo especializado, o movimento de ir às coisas mesmas, de forma compromissada aos saberes originários dos povos brasileiros e os saberes tradicionais africanos sustentados pela população negra em diáspora neste território.

Com esta atitude, tal como expresso por Nobles (2009), buscamos evitar que os conhecimentos, saberes e processos de significações constituídos e revelados a partir da vivência em espaços religiosos de matriz afro-brasileira, com ênfase para aspectos de cuidado vinculados à saúde mental, tivessem sua compreensão limitadas ao campo de visão dos instrumentos e das interpretações a priori estabelecidas e, cuja referência parte e se encerra em um horizonte de universalidade.

Assim, no processo de compreensão de tais fenômenos, que longe de se revelarem em si, tal como enfatizado por Cabral (2021), “se mostram nas malhas da história, na carnalidade do mundo (...) em suas estratégias de ocultamentos, invisibilidades, naturalizações”, privilegiar um olhar pluriversal, tal como apresentado por Nogueira (2014), no processo de construção e travessia, foi fundamental para que pudéssemos ver o que aparece, utilizando a tática da inclusão - “isso e aquilo” (p. 33 e 34) e, deste modo, acolher o que foi se revelando de forma respeitosa e contextualizada, o que exigiu de nós, um contínuo movimento de reinvenção de olhares e compreensões.

Como exemplos potentes das experiências vividas nestes encontros, podemos citar uma cena interessante, onde em uma das rodas de conversa, solicitamos que as mulheres se apresentassem a partir de um objeto escolhido por elas. Neste momento, uma das mulheres ao falar sobre si, disse “Meu nome é fulana de tal, eu vou escolher uma pedra, porque eu sou assim como Xangô. Existem pedras que são apenas pedras no caminho, mas eu sou pedra de Xangô, sou rocha forte e de justiça” (sic).

Esta pequena vinheta descritiva, nos alerta para o fato de que o significado das coisas pode estar em diversos locais e, portanto, precisa ser contextualizado. Aqui, não foi o dicionário que nos situou para a compreensão do significado de pedra/rocha, mas a sabedoria ancestral que nos convoca para o reconhecimento de uma outra hermenêutica. Descolonizar para cuidar.

Considerações caminantes: uma gira que segue girando

Aos poucos, o necessário processo de refazer os passos foi e continua

acontecendo, e assim como estas, diversas outras ousadas e necessárias práticas psicológicas, vão se revelando em diferentes contextos do território brasileiro.

Neste sentido, compreendemos que o processo de cuidado e acolhimento das humanidades que Somos Nós, só se torna possível quando assumimos o compromisso ético, desNorteador e Orientado, que se estabelece por meio de reflexões alimentadas por perspectivas descolonizadoras, desvinculando-se da primazia dominante do fenômeno eurocentrista que não dá conta de pensar e compreender nossa pluralidade.

Por fim, estamos certas de que por meio desses fazeres aprendemos que é na travessia do caminho e mergulhada na experiência viva do ser, que é possível o restaurar do fazer psicológico a partir de um referencial que acolha também as contribuições advindas da diáspora negra, da ancestralidade indígena e outras vozes constituintes do povo afro-brasileiro.

Este é o primeiro dos muitos passos que ainda pretendemos trilhar e compartilhar.

Referências

ANI, M. Yurugu: An African. Centered Critique of European Cultural Thought and Beauvoir. Trenton: África World Press, 1994.

CAVALCANTE, K. L. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. Revista Semiárido De Visu, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020.

CABRAL, A. M. Fenomenologia da Transgressão. Instituto Dasein, 2022. Disponível em: https://3ee26c0e-257d-411f-b6b2-66a488d69916.filesusr.com/ugd/7f3396_443f87dd04ab4479aa86e093fce26699.pdf. Acesso em 10 dez. 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Luiz Antônio Silva (Org.). Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos. Brasília: Anpocs (Ciência Sociais Hoje, 2), p. 223-244, 1984

NOGUEIRA, R.. O ensino de Filosofia e a Lei 10,639. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

NASCIMENTO, W. F. do. Alimentação socializante: notas acerca da experiência do pensamento tradicional africano. Das Questões, [S. l.], v. 2, n. 2, 2015. DOI: 10.26512/dasquestoes.v1i2.18323. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18323>. Acesso em: 9 mar. 2023.

NOBLES. W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In Nascimento, E. L. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-297.

OLIVEIRA. E. Filosofia do Encantamento. In: Núcleo de Investigações Transdisciplinares (Departamento de Educação - Núcleo de Investigação - Transdisciplinares - UEFS-BA). Ano III. número 07, p5-6, jan a jun/ 2003. Disponível em: [Foto de página inteira \(weebly.com\)](http://Foto_de_página_inteira.weebly.com)

PESTANA, M. Menino Arco-íris: Ilustração Vanessa Alexandre. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

PIEIDADE, V. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2013.

SARACENI, R. Manual doutrinário e comportamental umbandista. São Paulo: Madras, 2005.

SILVA, G. R. da. Azoilda Loretta da Trindade e o legado do projeto da cor da cultura. Revista Interinstitucional Artes de Educar (Dossiê História das Mulheres e Educação). Rio de Janeiro, V.7, N.2 - pág. 805-820, mai-ago de 2021.

TRINDADE, A. L. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. Salto para o futuro. Programa 2. **TV Escola**, Ministério da Educação, nov. 2005.

Recebido em 2023-04-27
Publicado em 2024-05-31